



Lourival Sant'Anna carta@lourivalsantanna.com

Otan deve mostrar coesão

A Otan se lança no seu maior exercício militar desde o fim da guerra fria, diante de múltiplas ameaças ativas contra o Ocidente. E em meio ao dilema: como equilibrar a necessidade estratégica de demonstrar capacidade de resposta para reforçar a credibilidade das alianças e o poder dissuasório, de um lado, com a necessidade tática de poupar capacidades bélicas e manter um estoque compatível com as ameaças futuras.

Do ponto de vista de todos os contestadores da ordem internacional baseada em regras liderada pelos EUA, em especial a China, a invasão da Ucrânia pela Rússia teve a função de testar a resolução americana e europeia e também a capacidade de mobilização de recursos para conter uma ameaça ativa no perímetro de sua área de cobertura. EUA e Europa responderam de forma inesperadamente contundente. Na frente política, isso eleva o poder de dissuasão.

Entretanto, esse esforço reduziu os estoques bélicos dos países da Otan. Vladimir Putin percebeu que o tempo corria a favor dele, e seu objetivo passou a ser manter o impasse e deixar o conflito se arrastar. Isso levou à degradação progressiva dos estoques ocidentais e à fadiga política na resolução dos aliados em ajudar a Ucrânia indefinidamente. Nesse momento, o Hamas cometeu as atrocidades de 7 de outubro. O Hezbollah, do Líbano, in-

tensificou os ataques ao norte de Israel. EUA e Reino Unido deslocaram grupos de batalha naval, liderados por porta-aviões, para a costa israelense. Os houthis, do Iêmen, passaram a alvejar o sul de Israel, assim como navios a serviço de empresas israelenses e ocidentais no Mar Vermelho. Os EUA então formaram uma coalizão de 22 países para proteger o Canal de Suez, por onde passa 30% do tráfego marítimo global e, com o Reino Unido, passaram a bombardear posições dos houthis. Assim, EUA e Reino Unido redirecionaram capacidades bélicas e energia política da Ucrânia para o Oriente Médio.

LESTE ASIÁTICO. Uma terceira frente de ameaças parece perto de entrar em atividade: a do Leste Asiático. A eleição presidencial em Taiwan, no dia 13, assegurou um terceiro mandato ao Partido Democrático Progressista (PDP), o mais comprometido com a resistência ao plano da China de anexar a ilha. O regime comunista chinês fez de tudo para desencorajar os eleitores taiwaneses a votar em Lai Ching-te, vice da atual presidente, Tsai Ing-wen, primeira mulher a governar o país.

Em um simpósio para celebrar o 130.º aniversário de Mao Tsé-tung, no dia 26, Xi Jinping declarou que “a completa reunificação da pátria é uma tendência irresistível”, e que o regime chinês deve “impedir qual-



Controladores aéreos da França a serviço da Otan na Romênia

Aliança precisa, ao mesmo tempo, exibir poder dissuasório e poupar capacidade bélica

quer um de separar Taiwan da China seja como for”.

Posts nas redes sociais tentam difundir sentimentos racistas, acusando o governo taiwanês de atrair trabalhadores imigrantes indianos. Navios e aviões de guerra chineses intensificaram o assédio, em missões destinadas a intimidar a ilha.

Tudo isso tem como objetivo testar não só a determinação do povo taiwanês de defender sua liberdade, mas também dos EUA de honrar seus compromissos com a ilha. Não está em jogo apenas a credibilidade das garantias de defesa oferecidas pelos americanos a seus parceiros. Taiwan é o maior fabricante de semicondutores, o coração de toda tecnologia, tanto civil quanto militar.

Por último, especialistas em Coreia do Norte identificam mudanças de comportamento do regime, que poderiam indi-

car preparativos para atacar a Coreia do Sul, Japão e a Ilha de Guam, que pertence aos EUA. O regime norte-coreano sempre se esforçou por manter aparência de ameaça ativa contra esses adversários. Mas há sinais de escalada real desta vez.

No dia 15, a Coreia do Norte testou um míssil balístico com alcance de 4 mil km, suficientes para atingir a estratégica Ilha de Guam, que abriga bases navais e aérea dos EUA no Pacífico. O teste foi detectado pelas Forças Armadas sul-coreanas. Ao confirmá-lo, os norte-coreanos afirmaram que o míssil continha ogiva hipersônica controlável. Essa tecnologia oferece não só maior velocidade, mas principalmente maior capacidade de manobra.

O exercício da Otan, que deve durar até maio, é o maior desde 1988. O escopo da aliança militar é a Europa e a ameaça direta, a Rússia. Mas acordos de cooperação entrelaçam a Otan ou alguns de seus principais integrantes com arranjos de defesa envolvendo parceiros da Ásia-Pacífico, como Japão, Coreia do Sul, Índia e Austrália.

O exercício é uma flexão de músculos do Ocidente Coletivo diante da contestação das potências autoritárias revisionistas. Seu efeito dissuasório dependerá da capacidade da aliança de demonstrar coesão política e repor seus estoques de armas e munições. ●

É COLUNISTA DO ESTADO E ANALISTA DE ASSUNTOS INTERNACIONAIS

Clima

Nevascas e frio extremo matam 55 em duas semanas nos EUA

WASHINGTON

Ao longo das duas últimas semanas nos EUA, tempestades transformaram estradas em armadilhas mortais de gelo, congelaram pessoas até a morte de Oregon ao Tennessee e causaram quedas de energia em todo o país. Os reparos podem levar semanas para serem feitos, e a situação deve continuar em ambas as costas americanas neste fim de semana.

A chuva, a neve, o vento e as temperaturas extremamente baixas foram responsáveis por ao menos 55 mortes nos EUA nas últimas duas semanas, à medida que uma série de tempestades se espalhava pelo país. Escolas e estradas foram fechadas, e o tráfego aéreo foi afetado. Em alguns locais a



Fazenda congelada no município de Galva, no Estado de Iowa

temperatura chegou a 56,6 °C negativos.

Neve mais forte do que o previsto caiu em Nova York, Baltimore e Washington, na sexta-feira. A cidade de Michigan, em Indiana, registrou 43 centí-

metros de neve. Os maiores problemas continuaram em locais duramente atingidos pelas tempestades. Milhares estavam até ontem sem energia desde o fim de semana passado. ● AP

Oriente Médio

Ataque no Iraque fere 2 soldados americanos

TEL-AVIV

Pelo menos dois soldados dos EUA no Iraque ficaram feridos ontem quando uma base aérea do país foi atingida por disparos de foguetes ou mísseis feitos, segundo as autoridades americanas de defesa, por milícias apoiadas pelo Irã. Segundo as autoridades, o número de feridos poderia aumentar à medida que os relatos chegassem aos quartéis-generais superiores.

Os ataques contra a Base Aérea de Al-Asad estão entre os mais sérios dos cerca de 140 disparos contra as tropas americanas no Iraque e na Síria desde os ataques terroristas do Hamas em 7 de outubro que desencadearam a guerra de Israel em Gaza. Um soldado iraquiano

também ficou ferido ontem.

A Base Aérea de Al-Asad, no deserto ocidental do Iraque, hoje é usada principalmente pelas forças iraquianas, mas ainda tem um contingente dos EUA. Ao todo, há 2,5 mil soldados americanos no Iraque e 900 na Síria que apoiam as forças iraquianas e curdas da Síria na luta para conter os resquícios do Estado Islâmico.

SÍRIA. O ataque ocorreu horas depois que o Irã acusou Israel de lançar um ataque aéreo contra a capital síria, Damasco, que matou cinco militares iranianos, em mais um recente sinal da crescente turbulência regional que se desdobra da guerra em Gaza. Autoridades americanas disseram que não estava claro se os dois ataques estavam relacionados. ● NYT